

Resultado de uma tese de doutorado orientada por Pierre Fédida, o texto apresentado pela psicanalista Ivanise Fontes (RJ) tem como origem, motivação e campo de incidência a clínica psicanalítica dos casos difíceis. Trata-se, em especial, dos pacientes somatizantes, um exemplo dos quais é apresentado no capítulo final do trabalho, mas seu foco também abrange os casos-limite, os traumatizados, e toda esta gama de novas patologias com que temos cada vez mais de lidar em nossos consultórios.

Como seria de esperar, uma referência importante para a autora e, mais que isso, uma espécie de patrono de seu pensamento clínico é Sándor Ferenczi, aquele que, entre os pioneiros, notabilizou-se pela disponibilidade para o atendimento de pacientes particularmente perturbados.

Cabe também anunciar desde o início que, embora o foco seja a psicoterapia psicanalítica dos pacientes difíceis, ao longo da pesquisa este foco se amplia, como, de resto, já o subtítulo sugere: "Fundamentos para uma psicanálise do sensível". Essa dimensão, evidentemente, diz respeito a toda a psicanálise, à teoria psicanalítica na sua integralidade e a toda a clínica que em nome desta teoria se faz. Ou seja, a autora nos conduz a uma retomada do pensamento e das práticas da psicanálise pelo viés da *sensibilidade*, das dimensões sensoriais e afetivas diretamente ligadas ao corpo.

Finalmente, ainda nestas considerações iniciais deve constar uma feliz opção da autora: para se manter fiel ao seu tema, seja no foco estrito dos pacientes somatizantes, seja no

Novos caminhos da clínica e da teoria

Resenha de Ivanise Fontes, *Memória corporal e transferência: fundamentos para uma psicanálise do sensível*, São Paulo, Via Lettera, 2002, 136 p.

ampliado de uma psicanálise do sensível, ela se permitiu uma grande liberdade na leitura e no aproveitamento de autores provenientes de tradições psicanalíticas bem diferentes. Aliás, uma das grandes virtudes de Pierre Fédida, bem transmitida a muitos de seus orientandos, como foi o caso de Ivanise Fontes, era a de transitar com desassombro pela grande diversidade do pensamento psicanalítico, mantendo, contudo, o rigor e mesmo uma certa intransigência na defesa do que lhe parecia próprio da psicanálise. Uma razão a mais, portanto, para lamentarmos seu recente falecimento, pois é de psicanalistas assim que mais estamos precisando.

Há alguns movimentos teóricos decisivos nesta empreitada de fornecer elementos para uma psicanálise do sensível. O primeiro é o resgate da dimensão da sensorialidade – da corporalidade em sentido amplo – na constituição primordial do psiquismo. O segundo consiste em operar o mesmo resgate no campo da clínica e, mais particularmente, na transferência e em sua escuta. O terceiro movimento é o de uma revalorização das construções em análise (Freud), consideradas decisivas para o tratamento de indivíduos cujo "passado" está inscrito no corpo e apenas nesta dimensão corporal pode ser acessado e transformado.

O livro está organizado em quatro partes.

Na primeira – "O registro corporal em Freud e Ferenczi" – Ivanise Fontes procura encontrar em Freud (o que não é fácil, mas não é impossível) e em Ferenczi os elementos básicos para uma psicanálise do sensível. Ressaltam aí os conceitos de "impressões", "trauma" e "inominável".

Na segunda parte – "A memória corporal despertada pela transferência" – vamos encontrar as noções de "infantil" (concebido por Maurice Dayan como o que está "além do memorizável"), a de "berço de sensações" (concebido por Frances Tustin como a condição corporal mais básica nos processos de subjetivação) e a de "transferência" (concebida por Fédida em termos de uma regressão alucinatória). Nesta parte, encontramos também uma instigante retomada (a partir de Kristeva) da questão, tão antiga quanto atual e eterna, da histeria em termos da dimensão de corporalidade primária submetida ao recalçamento.

Na terceira parte – "Rumo às palavras: do sensorial à linguagem: caminhos da transferência" – a autora sugere, e aqui uma interlocutora importante é a ferencziana Maria Török, percursos clínicos e existenciais que levam do sensorial (afetivo-corporal) às palavras e das palavras ao sensorial, percursos

que permitem dar corpo à linguagem e dar sentido ao corpo.

Finalmente, a quarta parte é dedicada à apresentação de um caso clínico de paciente somatizante.

Nos "Comentários Finais", Ivanise Fontes retoma o impulso original de seu trabalho – a clínica dos pacientes difíceis – mas sugere que ela tenha hoje um alcance bastante amplo. Não só porque nos leva, como seu livro o demonstra, ao campo mais geral da constituição do psiquismo e suas vicissitudes, como porque hoje em dia a falta de simbolização, ou seja, as dificuldades nas passagens do corpo à palavra e da palavra ao corpo têm uma enorme incidência.

A leitura do livro, sumamente instigante e oportuna, nos suscita, porém, algumas questões.

Quando se amplia o foco, indo dos casos difíceis ao campo geral da teoria e da prática psicanalítica há, decerto, ganhos, mas há também riscos e possibilidades de perda. Os ganhos são óbvios: uma oportunidade de repensar a psicanálise a partir destas "experiências" corporais precoces, tão precoces e tão destituídas de capacidade de simbolização, de narratividade e de historicização que a própria noção de "experiência" parece deslocada. Na filosofia, alguns autores, como François-David Sebbah, em *L'Épreuve de la Limite*¹, tentam falar deste nível primário de subjetivação, anterior ao sujeito, nível de pura passividade afetiva e sensorial, fazendo a distinção entre "experiência" e "épreuve". É difícil em português sustentar esta diferença, mas a *épreuve* comporta um *padecimento*, uma "prova-

LEITURAS

ção”, o que inclui o aflitivo, o sofredor e o transe. Há, portanto, aí uma insistência no traumático. No fundo, pela via da psicanálise, este é o tema de Ivanise Fontes.

Mas há também um risco nesta ampliação e aprofundamento do tema, risco contra o qual, no meu entendimento, a autora não soube se precaver suficientemente. O risco é o de se perder o gume na compreensão da especificidade dos casos em que a clínica contemporânea enfrenta com maior insistência e urgência a questão da corporalidade.

Vejamos, por exemplo, se o conceito que dá título ao livro – memória corporal – faz justiça a esta dimensão do infantil que está “além do memorizável” (Dayan). Creio que estas impressões que ficaram retidas “antes do recalçamento”, como o diz Ferenczi, não poderiam ser concebidas como “memória”.

Da mesma forma, a bela noção da transferência como regressão alucinatória, aparentada ao sonho, à formação dos sintomas neuróticos e a outros retornos do recalçado não me parece condizer com a proposta de termos acesso àquilo que estacionou antes do recalçamento, escapando a ele, e, como registro sensorial, está além do memorizável, estando também, portanto, além do que pode ser alucinado.

Dizer que as sensações são “a carne da memória”, ou da linguagem, me parece adequado para os casos em que operou o recalçamento e as sensações que formam o berço sensorial são mantidas como uma espécie de reserva corporal para a vida psíquica. Estas sensações podem eventualmente retornar e produzir novas associações ou belas metafori-

zações, como é o caso em Proust e no texto de Graciliano Ramos examinado pela autora. Em situações assim, sem dúvida, o termo “memória corporal” pode fazer sentido. Mas a questão se apresenta de modo muito diferente quando as sensações “remontam aos estádios anteriores ao processo de recalçamento” (Ferenczi) e lá permanecem, “sem que permaneça traço mnêmico nenhum das impressões, mesmo no inconsciente” (Fontes, p. 63). Curiosamente, é bem aí que a autora se refere à memória corporal, quando, no meu entender, é bem aí que este conceito menos se aplica, enquanto ele bem poderia ser adotado para se referir às experiências sensoriais proustianas, tão belamente metaforizadas em sua escrita.

Minha sugestão é a de que se estabeleça mais rigorosamente uma distinção entre “sensações recalçadas” (eventualmente, alucinadas na transferência) e sensações submetidas aos desmentidos do traumatismo patogênico (p. 39), algo que não poderá nem se inscrever nem ser recalçado (p. 41), gerando uma recusa da memória que é bem diferente de uma amnésia (p. 43). Coloquei acima aspas em “sensações recalçadas” porque acredito que, a rigor, o que se pode recalcar – mesmo no recalçamento primário – não são as sensações elas mesmas, mas já alguma representação sua, ainda que muito elementar, e estas representações se alojam no inconsciente. Já as sensações podem ser impedi-

das de efetuar este trânsito por alguma forma de recusa ou de desmentido e não encontrarão lugar no inconsciente, como sugere Ferenczi e é aceito por Ivanise Fontes (“sem que permaneça traço mnêmico nenhum das impressões, mesmo no inconsciente”). Os termos “recusa” e “desmentido” nos encaminham para a operação da *Verleugnung* capaz de, operando nesse nível muito precoce da constituição psíquica, gerar uma dupla corrente: de um lado, memória ou linguagem desencarnadas; de outro, o sensorial e afetivo – o corporal – dissociado.

As implicações para a clínica são significativas. Se estamos lidando com memórias corporais e podemos esperar legitimamente que a transferência produza a regressão alucinatória em nossos pacientes neuróticos, há que manter a escuta (mais amplamente, a sensibilidade) disponível para estas emergências e disponibilizar para os pacientes, além das interpretações propriamente analíticas e desconstrutivas, algumas matrizes de simbolização e metaforização. É, ao que tudo indica, o que Ivanise Fontes conseguiu levar a cabo com sucesso na condução do caso clínico de seu paciente somatizante. Embora as informações sobre o caso não sejam muitas, alguns elementos relatados sugerem que se tratava de um neurótico somatizante mas com reservas de “sensações”, de figuras e de linguagem relativamente grandes. A pouca duração do caso – três anos – e os avanços obtidos neste curto período corroboram esta hipótese clínica.

A coisa encrespa, contudo, quando a ausência de vida psíquica é tão radical quanto nos pacientes psicossomáticos relatados por Pierre Marty e seus colegas e seguidores, ou quando, nos pacientes profundamente esquizóides (por exemplo, o

paciente *falso-self*), as cisões e dissociações entre o somático e o mental são abissais. Acho que todo o pensamento sobre a regressão terapêutica desenvolvido a partir de Ferenczi e dos representantes modernos de sua tradição clínica, como Winnicott, que fala em “regressão à dependência”², não nos conduz ao campo da transferência como regressão alucinatória, mas a algo muito mais radical, justamente àqueles “estádios anteriores ao processo de recalçamento” a que Ferenczi se referia.

O sugestivo e oportuno livro de Ivanise Fontes nos leva a limiar deste problema e nos fornece elementos decisivos para sua solução. No entanto, por não sustentar com maior clareza algumas distinções conceituais e clínicas – era o risco que dizíamos estar implicado na ampliação e no aprofundamento de seu foco – ela não se permite, por enquanto, um maior avanço em seu pensamento. A dificuldade do tema e sua reduzida elaboração na literatura psicanalítica contemporânea, de uma certa forma, a desculpam. De outro lado, o fôlego de pesquisadora e desbravadora de novos territórios que vem demonstrando e sua capacidade de articular conceitos e questões de forma original nos dão a certeza de que em breve novos avanços poderão ocorrer.

NOTAS

- 1 Paris: PUF, 2001.
- 2 Cf. Figueiredo, L. C. “A tradição ferencziana de Donald Winnicott. Apontamentos sobre regressão e regressão à dependência”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, n. 36, 4, São Paulo, 2003, pp. 909-928.

Luís Cláudio Figueiredo é psicanalista, professor da USP e da PUC-SP, autor de *Psicanálise: Elementos para a Clínica Contemporânea* (Escuta, 2003).